

## Clarice Lispector: “Não vou ser bio. Quero ser autobiográfica.”\*

Tânia Regina de Oliveira Ramos  
UFSC

“*Não vou ser bio. Quero ser autobiográfica*”. Não tomo aqui de início o lugar de quem fala sobre Clarice Lispector, porque me soa incômodo à primeira vista. Opto por me enquadrar como alguém que vem pesquisando livros de biografia e para esta ocasião decidiu expor suas conclusões sobre Clarice Lispector, a personagem de Nádia Battela Gotlib, particularmente. Assim, escrevi esta leitura não sobre falas, nem sobre textos analisados, mas sobre um livro: *Clarice. Uma vida que se conta*.<sup>1</sup>

E se meu texto se tornar maior do que o desejo, justifico pelas 493 páginas plenas de Clarice. Acredito mesmo que são essas páginas que permitem minha inclusão em uma *travessia* que procura ex-centricidades. Opto por escolher a razão de minha presença: sou muito mais leitora de histórias de vida do que da

literatura de Clarice, que de tanto ler encantou-se. E se leio escritas de vida, e Clarice é uma vida que se conta, leio Clarice que se conta. Ou leio uma Clarice que Nádia conta. Ou leio uma Clarice que nada conta, porque a Nádia conta.

A primeira leitura da biografia de *Clarice* foi feita como as outras, à margem. Antes do sono. Em momentos de vigília, naqueles momentos em que, segundo Maurice Blanchot, é como se tudo já se tivesse cumprido, ou naqueles momentos que Clarice chamava de claridade da insônia. Assim li, entre outras, a biografia de Vinicius de Moraes, a de Lacan e a de Assis Chateaubriand — presentes de alunos. Nunca disse a eles que gosto de ler biografias. Mas se dizem que meu mal é me ligar nas biografias (inclusive as dos alunos), leio nos presentes, e na nenhuma sutileza da intuição, que meu mal foi meu bem, porque me sinto à vontade para escrever sobre *Clarice Lispector - Uma Vida que se Conta*.

*Clarice* comprei, o que por si já manifesta um ato de desejo e de vontade, antes de saber que Clarice teria os 70 anos (ou 74 ou 75?) comemorados antes mesmo de saber que eu estaria publicamente falando de Clarice Lispector. Declaro, porém, que escrevi esta leitura com textos que me trouxeram o livro pela negação. Porque muitas coisas nos chegam pela negação e nem sempre por um caminho institucional. Li as resenhas críticas e severas de Leo Gilson Ribeiro e de José Castello, li Berta Waldmann, li Daniela Name, nas páginas da *Veja*, da *Isto é*, de *O Globo*. E li o uspiano caderno de resenhas da *Folha de São Paulo*.

Quero começar, então, pelo mais óbvio, porém o mais adequado, comentário sobre livros de biografia: *Clarice. Uma Vida que se conta* é um livro bonito. Aliás, todas as biografias são livros bonitos. “*A senhora já viu, professora, como está bonita a biografia da Clarice?*”. Na pergunta de Verônica,

entre livros e livros, reforço essa percepção que nos passam os livros de biografia. A capa prateada de *Chatô* era uma angústia sem fim. Ao menor sinal de claridade, ele — *Chatô* — brilhava na estante, como a me cobrar a leitura. Assim foi com a história do pensamento de *Lacan*. Assim foi também com *Clarice*.

Capa, contra-capla brilhante, sobre-capla, papel impecavelmente branco, fotos, encarte... Esse tratamento dado ao livro de biografia como um objeto para o olhar e para o desejo é por onde finalmente começo minha leitura. O visual enfatiza a presença comercial, material, sólida, no espaço — do biografado. Assume a realidade de coisa e se dispõe diante de nós como uma espécie de esplendor da ressurreição, duma elegia, duma homenagem. Vitrine. Nela: biografia e tempo — o objeto e o não-objeto por excelência. Tempo do viver, tempo do escrever, tempo para ler... biografias, naquele desejo de Clarice de fundir o tempo da história com o tempo da escrita e, se nos fosse possível, com o tempo da leitura. Clarice, Nádia e Tânia nessa ordem. Ou Nádia, Clarice e Tânia? Ou Tânia, Nádia e Clarice? Para quem uma biografia é mais importante?

O conflito entre esses três tempos se dissolve ou fragiliza ao lermos o termo biografia como o modo através do qual a vida se traduz em grafia. Em outras palavra: se materializa. Então o gênero biografia surge não como objeto inerte mas como vida que se realiza enquanto tempo e espaço. Na vida vivida, na vida que se escreve e na vida que se lê. É em Pierre Bourdieu, em um bom texto sobre “a ilusão biográfica”, que encontro a definição de biografia dentro do senso comum e que tomo como pressuposto para depois sair dele.<sup>2</sup>

Para Pierre Bourdieu, falar de história de vida é pressupor, ao menos, que a vida é uma história ou que a vida é uma seqüência de acontecimentos conhecida como história e

como narrativa dessa história. Falar, pois, da história de uma outra vida é acreditar que biografia é uma vida que se pode contar. Melhor: escrever. Por isso se diz que em biografia a *grafia* é mais importante do que a *bio*, porque a vida de uma outra pessoa é irreproduzível, enquanto a *grafia* é a construção ou a reconstrução dessa impossibilidade ou dessa irreproduzibilidade. E aqui entra o esforço de ficcionista e de historiador do biógrafo.

Vejamos como se construiu *Clarice*: por se opor às formas de ficção, ainda que se inscreva na arte de fabular, a biografia é um texto referencial. Ela pretende passar uma informação sobre uma realidade exterior ao texto e que pode se submeter a uma verificação. Tanto que sempre se justifica pela mais completa e exaustiva bibliografia. Penso aqui com Lejeune.<sup>3</sup> Ao centrar seu olhar na hipótese de que toda autobiografia nada mais é do que uma biografia de uma pessoa escrita por ela mesma, ele lê a escrita dessa outra vida também como um *pacto referencial*. Esse pacto não é o efeito do real, mas imagens e reconstituição, que buscam a exatidão nas informações, nos dados, nos testemunhos e na fidelidade das significações.

Por esse prisma da referência, o autor de uma biografia deve ocupar uma posição marginal. Ele é autor e narrador, e entre essas duas funções é que deve haver uma relação de identidade. Sua presença deve estar implícita, indeterminada, ou pode aparecer em um prefácio; deve ser presença pela ausência na história de uma outra vida. Mais importante é a personagem dentro do texto e seu modelo fora do texto, e não deve existir identidade entre narrador e personagem.

Vejo Nádia romper com esse pacto: sua presença está explícita na biografia de *Clarice*. E não apenas nas intervenções e nas constantes interrogações, espaços garantidos

pela autoria e pelo estilo do texto, mas na abordagem dos textos literários, pela autoridade de crítica da obra de Clarice Lispector. Em *Clarice*, Nádia é autora, mas muito mais autoridade. Desse modo, as referências entram em crise, porque Nádia constrói a biografia somando discurso crítico, ficção, informações, retratos, memórias, todos discursos da deformação, ao seu próprio modo de contar Clarice. E quando digo isso tento amarrar *Uma Vida que se conta* a leituras que se propõem academicamente a justificar e explicar a obra de Clarice Lispector. Assim, se *Clarice*, por sua montagem, rompe com o pacto referencial, a tradição biográfica mantém-se no aproveitamento cronológico do material biográfico, tal como apontou Mikhail Bakhtin ao estudar a biografia e a autobiografia antigas.<sup>4</sup> Em outras palavras, a biografia de Clarice é construída no modelo biológico e determinado de nascimento, vida e morte.

Busco, então, outro percurso para compreender a dinâmica do texto. Nádia colocou na pesquisa sobre o mundo cotidiano de Clarice, sobre seu passado, sobre os acontecimentos da vida familiar e social, sobre a vida privada de uma mulher (e eu digo privada no duplo sentido: solitária e reservada), sua história de crítica literária e seu olhar já construído sobre a obra de Clarice. Através deles se propõe entrelaçar vida e obra e com isso discutir as não fronteiras entre ficção e história. Desta vez, Nádia foi além de um fio de voz nas histórias de Clarice.

Não terá sido essa a razão de um certo incômodo pelo qual passamos (e eu me incluo) quando lemos seu texto? E quando digo passamos, lanço o olhar de um tempo e de um campo teórico em que pensamos como Roland Barthes,<sup>5</sup> quando nos fala sobre a morte do autor e coloca que o indivíduo que escreve é diferente de toda a escritura, onde esta é a

destruição de toda voz, de toda origem, um neutro onde se perde toda a identidade. Um tempo em que Jacques Derrida<sup>6</sup> demonstrou o engodo que é o fora-texto e o significado psico-biográfico, e em que Michel Foucault<sup>7</sup> nos falou que a unidade de uma obra não pode ser garantida pelo nome de um autor, e a referência a uma subjetividade soberana. Ainda que se venha pensando sobre a importância das subjetividades e das mentalidades, há um descrédito sobre o interesse tradicional pelo autor como pessoa real. Escrever a biografia de um escritor é cair fatalmente em provas de ilusão referencial: sua produção. O que me inquieta, por exemplo, é saber o que será feito de Joana e do coração selvagem no momento em que se amarra, com a leitura de Maury-Otávio, o enigma de Clarice Joana Lúcia. E que o Ulisses da aprendizagem de hoje à tarde foi aquele rapaz suíço e apaixonado, transformado em nome de cachorro igualmente manso e humilde. E aquele vestido cor de rosa...

Seria este o caminho para o leitor da biografia conhecer a Clarice Lispector, não a de carne, mas a de papel, aquela que os interlocutores intelectuais de Nádia, e conseqüentemente os futuros leitores da biografia, já conheciam e que através dos dados pesquisados e articulados poderiam comprovar que sua história está toda na própria ficção, e que por isso ela é vida que se conta?

Mas isso não nos levaria a uma curiosidade fetichista que buscaria sempre o ponto mais secreto da literatura e da escritura? Não teríamos aqui o que Jean-Claude Bonnet apontou como, pela angústia da ausência e da busca da alteridade, o desejo de encontrar na obra um sujeito biográfico, que poderíamos chamar de “o fantasma do escritor”?<sup>8</sup>

Complico? Simplifico? Encontro saídas para entender porque a biografia de *Clarice*, escrita por Nádia, não pode ser

lida pelo viés da racionalidade de uma pesquisa acadêmica, mas ao mesmo tempo não pode ser lida como uma biografia que nos permitisse a insegurança da aventura ou a ventura da insegurança.

Clarice múltipla transferiu sua unidade para a obra de Nádía. A mão de Nádía a retirou do caminho da dispersão e lhe deu uma direção de muitos acontecimentos e muitos momentos: a menina e os bichos, a jornalista, a equilibrista, a mãe. Mas lá o eu não cessou de variar, pois aquele presente das escritas literárias passou por uma leitura datada, planejada e examinada, que procuraria o olhar de leitores igualmente instáveis e nunca satisfeitos. Esse é o leitor de Clarice. Esse seria o leitor da biografia de Clarice. Esse seria o leitor de Nádía.

Foi esse meu caminho de leitura, e explicitarei, passo a passo, porque acredito que Nádía e os leitores de Nádía e Clarice gostariam de ouvir como pôde se processar uma recepção em uma leitora disciplinada de biografias. Por isso comecei por minha autobiografia. Desde o desejo do livro até esta leitura datada. Através dela, lanço outras e efetivas inquietações.

Por *Clarice* passa uma pesquisa de duas décadas. E neste ponto preciso ler, usando mais uma vez o texto de Bourdieu, a história de vida da professora e pesquisadora Nádía Battella Gotlib: *A vida é um caminho, uma rota, uma carreira, emboscadas (concursos, exames) ou como um caminhante em um caminho que se faz e é, ao mesmo tempo, um fazer, um trajeto, um curso, uma passagem, uma viagem, uma prova, uma direção, etapas, um fim (no seu duplo sentido).*

Ainda que no prefácio afirme que continuam existindo segredos invioláveis, o que levou Nádía a biografar Clarice,

vida e obra, de uma maneira tão indissociável? Ao ler a página 424, onde a biógrafa diz que Clarice está nos últimos contos como escritora, como narradora e como personagem estaria se ilustrando o pacto autobiográfico proposto por Phillippe Lejeune, no qual ele afirma que essa identidade é a garantia da autobiografia? Não teríamos, no caso de Clarice, uma recaída justificada por René Wellek e Austin Warren<sup>9</sup> que, por semelhanças ou coincidências, a ficção é o que explica o autor, e o autor é quem explica a ficção? A obra literária de Clarice seria, então, feita de fragmentos de sua autobiografia? Não corremos o risco de acreditar que, mesmo não se criando um caminho de dependência, em Clarice, vida e obra são uma relação de causa e efeito e que a obra literária de Clarice é o melhor e mais confiável documento biográfico? Ou foi o objetivo acadêmico de seu trabalho, que exigiu que a leitura, de quem é profissionalmente professora e academicamente teórica e crítica literária, perpassasse pela associação e pela interpretação direta entre vida e obra? Mas onde ficaram as vozes da fortuna crítica e as intervenções teóricas produzidas incessantemente nos meios acadêmicos nesse esforço de décadas de decifração dos mistérios de Clarice? Quem foi menos compreendida pelas resenhas e comentários de conhecidos críticos em pouco complacentes páginas de literatura na mídia impressa: a historiadora ou a crítica literária?

Sei que corro o risco da insistência e da impertinência, mas vejo aqui uma oportunidade pública de se situar Nádia, com sua biografia, na fortuna crítica de Clarice Lispector, entre aqueles que em nome da cultura e da teoria estudam histórias de vida (e morte) e outros que em nome da literatura e da teoria, estudam vida (e morte) nas histórias. E vejo a oportunidade de reafirmarmos nossa crítica de resistência e a necessidade de desaprendermos nossos privilégios quando nos

engajamos na tarefa da tradução cultural.<sup>10</sup> Ou nos posicionarmos diante de hermetismos e hermenêuticas que procuram entender e aprofundar o universo ficcional de Clarice como *bio-representação ou autografia biopoética, vida transformadora e transformada em escritura, que busca a síntese em uma dialética textual de incorporação, fruto ou produto construído do que canibaliza*.<sup>11</sup>

Como seria possível fazer este tipo de leitura dialogar com a biografia de Clarice, nessa completa alquimia de seu objeto feita por Nádia? Foi importante para este tipo de abordagem, Nádia nos trazer a água viva tão compreendida pelo sono e pela vigília de José Américo Mota Pessanha?<sup>12</sup>

Manifesto minha opinião dizendo que a vida e a obra de Clarice, por tudo o que eu já sabia e passei a conhecer melhor, me parecem anti-história, anti-biografia. Sempre me pareceu que sua percepção do real era descontínua e formada de acontecimentos justapostos que permitiriam revelar experiências, impertinências. Não apenas aquela de quem viu muitas cidades, muitos homens, muitas coisas, mas aquelas de quem se permitiu durante toda sua vida uma experiência mais complexa e mais difícil: a atenção ao próprio movimento de viver.

Isso não impede que eu reconheça que os acontecimentos de sua existência sejam cheios de significação. Eu quero marcar minha leitura da biografia também nesta direção. Uma mulher ex-cêntrica com uma peculiar história de vida: *dona de casa sem ser*, filho psicopata, ex-marido embaixador, às voltas com inesquecíveis e imprescindíveis empregadas domésticas, filho em intercâmbio cultural nos Estados Unidos em plena ditadura militar, enquanto ela, assustada e deslocada, participava de passeata de intelectuais em solidariedade a estudantes, que protestavam em frente à embaixada americana; *militante sem*

*ser*, apaixonada por Lúcio Cardoso para quem ela não seria nunca o objeto do desejo; *nordestina sem ser*, mãe parálitica, pai severo ou indiferente; *estrangeira sem ser*, beleza física mutilada pelo fogo, dando duro para sobreviver, poucos ou raros amigos; *advogada sem ser*, ocupando-se e preocupando-se com o exercício solitário da escrita, criando e corporizando fantasmas e fantasias, com medo de Deus; *jornalista sem ser*, mulher de língua presa, escritora sem a inserção em um projeto cultural coletivo; *bruxa sem ser*, Clarice precisaria ir além de um resgate e de uma articulação crítica e cronológica de sua vida e obra. Clarice deveria ser lida como (con)seqüência significativa e orientada desses acontecimentos, que ficaram nas margens de seus textos literários e agora inscritos em sua história de vida.

Clarice Lispector é para mim essas circunstâncias. Essa mulher de dimensão trágica e que comprovou que viver não é tão simples, ficou diluída em pinceladas, mas esses acontecimentos descritos nos ajudariam a entender sua capacidade e seu desejo de ultrapassar o real e a própria linguagem. Sem relação de causa e efeito. Vida e obra. Sem questionar ou explicar o quê e como ela está contando, mas como escritura de si: “escrevo porque sou uma desesperada e estou cansada”, “escrevo porque estou precisando de dinheiro”. Digo mais: escrevia como se não suportasse mais a rotina de se-ser Clarice Lispector. Em outras palavras, olhar para si mesma e escrever seu existir para muito alguém (ou muito além?) dos pensamentos e das palavras, e não de atos e omissões, era a única maneira de esquecer-se: “*Como se não fosse eu, eu me ocupava como uma invenção*”.

Pareceu que Nádia quis nos poupar e mesmo nos contando tudo em informações espaçadas como as da Rádio-Relógio — *Você sabia que Clarice Lispector não tinha nenhum*

*livro de Machado de Assis na estante?*... — quis preservar a integridade de Clarice Lispector. Aqui a traição dos efeitos passionais: a proteção de seu objeto.

Mas apreende-se pela leitura do livro de Nádia que Clarice Lispector era diferente, e essa diferença enquanto mulher, história e sujeito é que precisa ser resgatada. Seria importante sacrificar a ilusão retórica de uma unidade biográfica a uma representação da existência como ela merecia, mais ou tanto quanto ela já havia feito tão bem através de sua obra e de jogos de identidade, fingindo ora ser, ora existir. Clarice Lispector, Rodrigo S.M., G.H., Ilka Soares, Cláudio Brito, Teresa Quadros e Helen Palmer. Eles e elas sobreviveriam ao tempo. Por outro lado a dimensão humana da mulher Clarice, na maturidade, em cuja vida transparece toda espécie de contingência social, emocional, física, econômica, não pode ser esquecida naquilo que isso representa para uma história das mulheres: a Clarice cidadã brasileira, divorciada, moradora do Leme, dona de casa, Rio de Janeiro, (ex)capital da república, profissão funcionária pública e jornalista para sobreviver, escritora para viver entre os anos dourados e rebeldes de um tempo masculino, da força e do poder, em que se desejava que todo o Brasil desse as mãos.

Onde buscar, então, sua identidade? qual a Clarice que precisamos conhecer? a pessoa, a escritora ou a autora? Parece-me que os estudos sobre a autora provam que a indissociabilidade dessas três faces de Clarice não é tão evidente. A Clarice que nos dá a possibilidade de ser lida pela crítica cultural ou a Clarice da crítica literária, que a ratifica como uma vertigem enigmática? ou a leitura de Clarice construída pelo olhar de Nádia, que retifica a vertigem e reformula o enigma por uma vida que é possível ser contada?

Para que esta minha reflexão se torne mais consistente,

cito Jean Starobinski e seu extraordinário *Montaigne em movimento*:

“Convertendo-se no receptáculo da identidade, o livro confere à identidade um sentido inteiramente diferente. Não se tratará mais da equação que, de si para si, estabelece uma indissolúvel fidelidade. Será mais a *essência* permanente, recobrada no interior, aquém das aparências ilusórias. É uma *relação* que passa pelo exterior e na qual se atesta a semelhança de uma imagem com um “original”, ele próprio autor da imagem. Em outras palavras, a identidade assim concebida já não é a aquiescência tácita, do mesmo ao mesmo, pela qual se reforça e se confirma o foro íntimo; ela inclui e mantém a diferença, aceita o risco de parecer, o do devir e o da linguagem”.<sup>13</sup>

Ao lado desses textos coloco esta minha leitura, que percebe que as biografias visam a identificar a normalidade com a identidade, entendida como constância a si mesmo de um ser responsável, previsível e de acordo com uma história bem construída.<sup>14</sup> Mas são tantos os fatos e tantos os fragmentos que, igualmente, pergunto por que autores de biografia parecem buscar sempre a totalização de um eu: *Lacan, a história de um pensamento*; *Chatô, o imperador do Brasil*; *Clarice, uma vida que se conta*?

E a individualidade de Clarice, que desejou tanto a diferença? O problema, para mim não constatado por biógrafos, nem mesmo por Nádia Batella Gotlib, é que esse sujeito fracionado, múltiplo e plural, tem um nome próprio que, por si só, é o atestado visível de uma identidade plural. Um nome que já tem uma substância. É preciso preservá-la. Como conseguiríamos ler Clarice através da ilusão biográfica proposta por Bourdieu em que todo o empenho deveria ser no sentido de *ver que Clarice se constrói em um espaço social, sempre*

*em relação a um outro, e que este foi o drama da sua existência?*

Fica o desejo de ver a biografia de Clarice sendo compreendida no caráter fragmentário de uma história de vida singular e na dinâmica de sua “identidade”, que ela alterava literalmente a sua vontade e semelhança. Seria interessante elaborar assim o caráter contraditório de sua construção enquanto sujeito histórico a partir — e sobre isso Nádia e inúmeros textos escritos por especialistas em Clarice Lispector me completam — de sua própria relação com os textos nunca dantes acabados ou na relação masculino-feminino que ela estabelece e constrói sob o modelo da cultura patriarcal, ainda que seja para reverter a construção desse modelo. O drama de Clarice, e digo isso depois que li a biografia, e aqui posso até receber contra-argumentos, está na diferença entre a personagem social Clarice Lispector e a percepção que ela tinha de si.

Sua obra não deveria constar como fatos e boatos, mas teria que exercer uma colaboração dialógica que nos permitisse não ratificar e identificar informações ou verdades, mas descobrir nos silêncios e nas falas, nos esquecimentos e nos apagamentos, ou na total ausência de tudo, onde se apreende o fracasso da própria linguagem, os elementos contraditórios dos enredos que ela dava à vida, muito mais drama do que trama.

Permaneço assim convencida de que essa exteriorização servia para Clarice reafirmar o outro eu dentro dela mesma — uma alteridade interior e não uma identidade em si, e seus textos foram monstros e fantasias colocados ao olhar dos outros, porém nem sempre ela queria que fossem entendidos ou assimilados. Clarice ultrapassava os limites de si e do literário para chegar à *coisa* publicada. Porque essa coisa publicada

seria eterna. Só *Clarice Lispector* permite a sobrevivência e a existência de Clarice Lispector. E mesmo esvaziando a escrita ou matando narradores antes do fim, sobreviver literariamente foi o próprio caminho da salvação. Por isso dez vezes o mesmo texto e a devoração de sua própria literatura. Esta é a minha leitura de *Clarice*. Vida ou obra que se conta vida ou obra que se conta vida que se conta obra...

Muito eu teria ainda a comentar. Mas como o desejo que motivou este texto foi o diálogo, coloco as questões que surgiram ao longo de minhas leituras, porque queria conhecer *Clarice* e Clarice e até porque queria entender as intervenções negativas sobre a biografia feitas pela crítica através da mídia impressa. Se fui além do tempo e do espaço, não fui além das possibilidades de leitura de *Uma Vida que se conta*. Procurei fazer uma leitura atenta, isenta, feita pelo desejo da biografia, mas muito mais pelo desejo de conhecer uma personagem. Que não matamos.

Eu poderia terminar falando que *Clarice. Uma Vida que se conta* não é apenas um livro bonito. É um livro pleno de Clarice. Nádia Battella Gottlib, agora livre e docente, teve coragem de marcar pela *diferença* os estudos acadêmicos sobre Clarice Lispector. E este foi o seu maior mérito. Buscou e conseguiu ela mesma “rasgar o espartilho da linguagem e os limites de um real” para nos entregar a *coisa* Clarice. Um obscuro objeto. Gritante. História. Ficção. Representação. Mas isso é assunto para uma outra história, ou quem sabe uma outra biografia, que ousaríamos também chamar como Clarice, ou como Cláudia Lima Costa,<sup>15</sup> de “saída discreta pela porta dos fundos”...

(\*) Texto apresentado no seminário Clarice: 70 anos, em mesa redonda com Nádia Battella Gottlieb, na UFSC, dia 17 de agosto de 1995.

## NOTAS

1. Nádia Battella Gotlib, *Clarice. Uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
2. Pierre Bourdieu, "L'illusion Biographique". In: *Actes de la Recherches en Sciences Sociales*, n 62/63. Paris, junho de 1986, pp. 69-72.
3. Phillippe Lejeune, "Autobiography in the Third Person". In: *Contents*, number 1. University of Virginia, outono de 1977, p. 27.
4. Mikhail Bakhtin, "Biografia e Autobiografia Antigas". In: *Questões de Estética e Romance. A Teoria do Romance*, São Paulo: Hucitec, 1988, pp. 250-262.
5. Roland Barthes, "A Morte do Autor". In: *O Rumor da Língua*, São Paulo: Brasiliense, 1988, pp. 65-70.
6. Jacques Derrida, "Edmond Jabès e a questão do livro". In: *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971, pp. 53-72.
7. Michel Foucault, *O que é um autor?* Lisboa: Vegas, Passagens, 1992, pp. 29-87.
8. Jean-Claude Bonnet, "Le fantasma de l'écrivain". In: *Poétique*, 63. Paris: Seuil, Setembro de 1985, pp. 259-277.
9. René Wellek e Austin Warren, "Literatura e Biografia". In *Teoria da Literatura*. Lisboa: Europa-América, pp. 91-98.
10. Refiro-me à palestra de Cláudia Lima Costa no seminário *Clarice Lispector: 70 anos*, promovido pelo Curso de Pós-Graduação em Letras - Literatura Brasileira e Teoria Literária da UFSC em 16 e 17 de agosto de 1995.
11. Citação do trabalho apresentado por Ana Luíza Andrade no seminário *Clarice Lispector - 70 anos*, UFSC, 1995.
12. José Américo Motta Pessanha, "Itinerário da Paixão". In: *Remate de Males*, n. 9. Campinas: Unicamp, 1989, pp. 181-198.
13. Jean Starobinski, "A Questão da Identidade". In: *Montaigne em Movimento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 19.
14. Giovanni Levi, "Les Usages de la Biographie". In: *Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*, n. 6. Paris, novembro/dezembro de 1989, pp. 1325-336.
15. Citação feita por Cláudia Lima Costa no final da sua leitura de Macabéa, personagem de *A Hora da Estrela*, no seminário *Clarice Lispector - 70 anos*, UFSC, 1995.